

UMA VIAGEM EDUCACIONAL PELA EUROPA DO SÉCULO XXI: IMPRESSÕES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS CONTEXTOS ESCOCÊS E IRLANDÊS¹

Claudiano Tiecher²

RESUMO:

Pretende-se que seja um relato simples. Impressões de uma caminhada de quinze dias em terras europeias para conhecer os modelos educacionais escocês e irlandês e buscar luzes para a nossa prática pedagógica, que, por vezes, parece estar perdida e sem nortes adequados aos sinais modernos. É curioso apontar para a Europa. Mas talvez seja exatamente a ela que tenhamos de recorrer no século XXI, como fizeram nossos antepassados em séculos passados. Um salto de qualidade requer investimentos. Conhecer propostas que estão dando certo é reconhecer que precisamos avançar, e não estagnar em nossas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação. Métodos. Experiências, Modelos educacionais. Práticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTOS

A partir do Planejamento Estratégico da Província Marista do Rio Grande do Sul, a Mantenedora apoiou a visita de *benchmarking* a países de

Primeiro Mundo para conhecer e estudar modelos avançados de Educação.

Incorporando-se à 11^a Viagem de Estudos

¹ Texto apresentado ao Conselho Provincial a título de relatório. Viagem Educacional à Escócia e Irlanda financiada e aprovada pela Mantenedora da Província Marista do Rio Grande do Sul.

² Graduado em História pela URI/Erechim e Especialista pela PUC/PR. Diretor do Colégio Marista João Paulo II de Brasília – DF.

promovida pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo (SIEEESP) e organizada pelo IES Educação Internacional, os representantes da Província Marista do Rio Grande do Sul, Ir. Lédio de Jesus Matias e Ir. Claudiano Tiecher, integraram a comitiva que visitou os modelos educacionais da Escócia e da Irlanda. A viagem foi realizada de 18 de abril a 4 de maio de 2008. Os objetivos foram conhecer e comparar o sistema de educação desses países, visitar as escolas de maior prestígio e estabelecer um importante canal de troca de experiências.

O Conselho Britânico e a *Independent School Association* deram total atenção durante os dias em que visitamos Edimburgo, sendo possível conhecer

escolas que adotam o sistema inglês e outras que seguem o sistema escocês. Alguns desses colégios têm muito interesse em estabelecer relações com o Brasil.

O Departamento de Educação irlandês organizou as visitas e orientou as diversas atividades e palestras. Desde a década de 1970, a Irlanda passou do subdesenvolvimento, com problemas junto ao FMI, a um país com níveis de crescimento de 10% ao ano, equiparando-se hoje aos países escandinavos. De acordo com a OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), a Irlanda destina o maior investimento *per capita* mundial à educação, tornando-se o “Tigre Celta”, maior exportador de *softwares* e de produtos químicos do mundo e um modelo na área educacional.

2 ESCÓCIA: UMA ANALOGIA AO MODELO BRASILEIRO ANTES DA REFORMA DE 1971

Viajar na cultura de diferentes países, com séculos de história, para vislumbrar novas práticas para o ensino no Brasil, não é tarefa fácil. É preciso disposição, competência e discernimento para não emitir juízo de valor e fazer comparações.

Tendo desfrutado do privilégio de ter participado da cultura e da vida escolar da Escócia e da Irlanda durante vinte dias, fiz interessantes observações que talvez possam colaborar com nossa prática pedagógica.

A acolhida simpática e cordial foi destaque em cada uma das 19 instituições que visitei. Os alunos

concentrados em salas de aulas, a tranquilidade e a disciplina de trabalho, com deslocamentos ordeiros e respeitosos, foram o diferencial na totalidade das escolas visitadas.

No *Academy Bathgate*, com aproximadamente 1.000 alunos, o objetivo é fazer com que os estudantes sejam felizes e aprendam para a vida. Os pilares expostos pela direção desse estabelecimento de ensino são: saúde completa (físico), o cognitivo bem trabalhado, o emocional bem equilibrado, a ética e o conhecimento, que, segundo depoimento, “vêm após os outros pilares estarem em desenvolvimento

de maneira harmoniosa”.

Percebemos que, nesse contexto, as escolas procuram assumir, de certa forma, a formação total da criança, não excluindo a responsabilidade dos pais no processo, mas com toda a autonomia e autoridade para moldá-la de acordo com os padrões seguidos pela instituição. Podemos imaginar aqui uma liberdade com confiança.

Os alunos são ensinados a cuidar dos menores. Cada aluno novo tem um tutor (maior) que o acompanha o ano todo. Dessa forma, cria-se um ambiente de família, sem necessidade de separar fisicamente os espaços escolares. Em nossa realidade, percebemos que temos medo de realizar essa integração, inclusive separamos geográfica e fisicamente os espaços da escola, e separamo-la, muitas vezes, em níveis de ensino, imaginando que, assim, vamos alcançar êxito na formação integral do educando. Corremos o risco de estarmos segmentando ao invés de educar para a sociabilidade.

“Um aluno do Ensino Médio tem o dever de se responsabilizar pelo aluno da Educação Infantil, pois, se formamos o aluno para essa convivência na sociedade, como podemos, no próprio espaço escolar, separar e impedir esse relacionamento?”, argumentou uma diretora educacional. Não é trivial essa discussão, mas merece atenção, pois segundo relatos da *Academy Bathgate*, são promovidos, todos os dias, no início da manhã, quinze minutos de convívio no pátio interno da escola. Segundo a direção, “são minutos de diálogo, cuidado, integra-

ção, orientações e relacionamento fraterno entre menores e maiores. O clima de cordialidade e o espírito de família são o destaque”.

Os alunos maiores são treinados para falarem aos menores sobre drogas, bem como realizam oficinas e aulas específicas sobre o assunto. Percebe-se, portanto, o compromisso dos maiores na formação dos menores, que, sem dúvida, com esses exemplos, serão cidadãos melhores.

Na *St. Georgs*, o destaque das ações pedagógicas está voltado ao empreendedorismo e à área de negócios. Nela, os alunos desenvolvem ações que retornam para a conservação e investimentos na própria escola, bem como realizam projetos sociais para o continente africano e outros países.

Na *Watson's School*, as questões disciplinares são integradas à prática do dia a dia. Dificilmente ocorrem sanções e expulsões nas séries finais, e o maior índice se concentra na Educação Infantil. Para esse contexto, a justificativa de tal prática é que os maiores já assimilaram as regras, o que dificulta a transgressão, enquanto que com os menores é necessário maior tempo e a resistência é maior.

Os alunos, quando perguntados sobre as normas disciplinares, apontam como justas, e não boas ou más. Para uma aluna, “elas [as regras] são necessárias e devem ser aplicadas com rigorosidade, pois caso contrário, mais tarde não teremos ninguém para apontar os nossos erros”.

No *Glenalmond College*, o enfoque maior é a espiritualização, concentrada diariamente no início

do dia, na capela do colégio, obrigatória a todos os meninos e meninas do estabelecimento. Como todos são internos, favorece a organização e a aplicação desses exercícios diários. A escola é confessional e referência em conhecimento, o que atrai muitos alunos estrangeiros, vindos de Portugal, Espanha, Alemanha, França, China e outros. A multinacionalidade transforma o dia a dia do colégio, mas não muda os aspectos centenarios da educação tradicional da escola.

Na *Dollar Academy*, a missão é trabalhar duro e se divertir. Uma escola com uma excelente gestão

na cidadezinha de Dollar, no interior da Escócia. Tem alunos externos e internos e investe nos “prefeitos”, líderes de turmas que comandam o cotidiano da escola, tendo a incumbência de, inclusive, dar advertências aos colegas, se estes estão desrespeitando as normas comuns. Essa prática foi relatada e apresentada como o grande salto para a qualidade do ensino na *Dollar*, pois, a partir desse momento, o comprometimento de todos com os estudos cresceu. Todos se sentem orgulhosos em saber que o sucesso da *Dollar* está ligado à ação individual de cada aluno, professor e colaborador.

3 O MUNDO EDUCACIONAL DA IRLANDA E A EXPORTAÇÃO DE CONHECIMENTO

Talvez a nossa “Velha Europa” tenha muito a nos ensinar. Novas práticas pedagógicas impulsionaram a Irlanda, um país pouco desenvolvido 30 anos atrás, com sérios problemas econômicos e elevado índice de analfabetismo. Investimentos em saúde, educação e tecnologia alavancaram a economia e colocaram a Irlanda como referência em educação no mundo.

No *Blackrock College*, o acento está no senso de comunidade. Uma escola confessional, como muitas na Irlanda, voltada apenas para meninos. Questões de gênero são trabalhadas, mas a opção centenária de acolher somente alunos faz do *Blackrock* o maior colégio da Irlanda, com mais de 1.500 alunos. Dentre as ações educativas está a de que

todo o mundo deve contribuir com o colégio.

Na *Sts. Andrews*, também confessional, mas com o acesso de meninos e meninas, a ideia é que todos devem ter acesso ao sucesso. Saliento nesse colégio a não reprovação. São atribuídos conceitos “A” e “B”, promovendo todos para a série seguinte. Embora alguns tenham mais dificuldades, percebe-se a necessidade da promoção, haja vista que o aprendizado é para a vida; cada aluno tem o seu futuro, e não é a escola, no entender da direção, que vai impedi-lo de avançar rumo ao sucesso.

No *St. Columba's College*, a ideia é manter as crianças sempre ocupadas; nessa, 100% dos alunos entram na universidade. Mas para essa estatística se manter, a escola adota alguns procedimentos

que acredita serem determinantes no processo, como, por exemplo, delimitar o número de alunos na escola. Hoje essa escola tem 300 alunos e todas as vagas preenchidas, o que faz existir uma grande lista de espera. Dificilmente um aluno entra na Educação Infantil e sai da escola, pois sabe que ela terá o mesmo padrão ao longo de todos os seus anos escolares. Os pais acompanham de longe esse processo de educação dos filhos, confiando à escola o sucesso deles. Nesse colégio, o mais importante é a felicidade e a unidade da comunidade.

O *Institute of Education* é uma grande escola de Ensino Médio, onde os alunos são selecionados, assim como os professores. A qualidade do ensino se mede pela qualidade dos professores, estes, por sua vez, se tornam grandes amigos dos alunos. A fórmula do sucesso dessa escola está em ter os melhores professores, para, conseqüentemente, atrair os melhores alunos. Para a direção, os alunos optam pela escola sabendo que ali encontram os melhores educadores. O aspecto da internacionalidade está

presente, com alunos de diversos países que almejam entrar no *Trinity College Dublin*, a conceituada Universidade da Irlanda.

Um desafio destacado pela direção é a questão da saúde emocional e psíquica dos professores, pois a grande tarefa é manter os professores felizes, empolgados e animados ao longo de todo o ano letivo.

Outra variante, no modelo da Irlanda, é o ano de transição, isto é, no 11º ano, o estudante irlandês escolhe os conteúdos que quer estudar e não há avaliação. Esse é o período para decidir qual formação seguir, podendo escolher curso de nível superior ou profissionalizante.

Um diferencial presente é o uso da tecnologia, não excluindo os trabalhos manuais em sala de aula. Os ambientes, totalmente informatizados, com excelentes professores, enfocam as habilidades individuais, bem como as aulas de marcenaria, drama, costura e moda, que desenvolvem competências práticas, colaborando para a preparação profissional do jovem.

4 PENSAMENTOS FINAIS

A estrutura formal das escolas brasileiras inexistente nas sociedades irlandesa e escocesa, pois lá os colégios são organizados por área de conhecimento e em forma de laboratórios, com dois turnos, num total de sete horas diárias de aula. O uso do uniforme, a espiritualização no início das aulas, a prática de esportes, a música e a arte são unanimidade

entre os alunos. Dificilmente veem-se alunos não envolvidos nessas atividades. São incríveis a paixão e a felicidade deles em identificar-se com o colégio.

As escolas em regime de internato são inúmeras e se destacam pela procura de alunos estrangeiros que buscam uma educação de qualidade e intercâmbios. Destacam-se também em qualidade,

excelência acadêmica e disciplina.

As bibliotecas são amplamente valorizadas e recebem sempre uma atenção especial pelas direções das escolas, e os professores não abrem mão dos livros no dia a dia. Normalmente centralizadas, apresentam ampla visualização, fora os casos em que a biblioteca é a própria recepção da escola, em um ambiente de silêncio, leitura e pesquisa.

Tanto a Escócia como a Irlanda servem de ideal pedagógico, mas não imaginemos que vamos transportar modelos europeus para o nosso Brasil, de currículo carregado, de inflexibilidades estruturais e de comportamento diverso. É necessário discernimento e competência para filtrar informações e garimpar ideias que possam ser implementadas.